III Encontro da ANPPAS
23 a 26 de maio de 2006
Brasília - DF

Educação Ambiental e Desenvolvimento Local: Processos que se Articulam e Redefinem Percepções e Práticas

Ana Maria D.Soares-UFRRJ/DTPE[1], Lia Maria T. de Oliveira-UFRRJ/CPDA[2]

RESUMO

Este texto analisa os limites, os desafios, as perspectivas e as emergências socioculturais que se apresentam nas experiências que vimos desenvolvendo, juntamente com estudantes e indivíduos/grupos sociais/atores coletivos, em projetos de educação ambiental, originalmente vinculados a programas municipais de *desenvolvimento local* na perspectiva da sustentabilidade. A propósito, nestas experiências, debatemos com os nossos pares, a relação indivíduo/natureza/ambiente/sociedade, uma vez que os problemas sócio-ambientais e agrícolas estão situados nas localidades, o que imprime a crítica para além das questões da técnica e apesar dela. No trabalho procuramos destacar a importância da educação ambiental como projeto formativo para as comunidades e as escolas do meio rural, visto que temos em mente a sensibilização dos indivíduos para a emergência de um novo paradigma de sociedade e cultura, o qual vem sendo gestado nos movimentos sociais em contraposição ao esquema desenvolvimentista produtivista. Isto significa uma mudança radical para modificações profundas nas relações sociais e nas formas de produção, requerendo redimensionamentos nos diferentes campos: político, social, econômico, ecológico, cultural e, sobremaneira, no campo educativo, espaço político-pedagógico em que se trabalham mentalidades e posturas.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

III Encontro da ANPPAS
23 a 26 de maio de 2006
Brasília - DF

Educação Ambiental e Desenvolvimento Local: Processos que se Articulam e Redefinem Percepções e Práticas

Ana Maria D.Soares-UFRRJ/DTPE[1], Lia Maria T. de Oliveira-UFRRJ/CPDA[1]
Lílian Couto Cordeiro[2] e Samara Pires[3]

Introdução

Este texto pretende analisar os limites, os desafios, as perspectivas e as emergências que se apresentam nas experiências que vimos desenvolvendo, juntamente com estudantes e indivíduos/grupos sociais/atores coletivos, em projetos de educação ambiental, originalmente vinculados a programas municipais de *desenvolvimento local* na perspectiva da sustentabilidade. Reconhecendo a complexidade dos processos socioculturais e políticos, que a atualidade nos apresenta, temos a consciência da necessidade de novas conceituações e práticas sócio-educativas que permitam a Universidade entender e entrosar-se às diferentes formas de organização dos atores em articulação com as demandas maiores do conjunto da sociedade. Entendemos, por outro lado, ser fundamental ter como horizonte a sustentabilidade na medida em que essa possa ser pensada conceitualmente e como projeto social nos programas. O atendimento das necessidades fundamentais dos grupos sociais, do poder público e dos indivíduos requer uma contínua e interdisciplinar problematização e solução, visto que a questão sócio-ambiental está situada para além da especificidade da técnica e apesar dela.

O nosso trabalho, centrado na educação ambiental, imprime o desafio de encarar a emergência de um novo paradigma de sociedade e cultura em contraposição ao esquema desenvolvimentista produtivista, por isso a crítica à racionalidade técnica se dá acompanhada à racionalidade político-cultural. Tal fato implica uma mudança radical de mentalidade, que pode ocasionar modificações profundas nas relações sociais e nas formas de organização social e de trabalho para a produção agrícola, requerendo novas respostas às questões dos diferentes campos de ação e produção intelectual: político, social, econômico, ecológico, cultural e, sobremaneira, no campo educativo, espaço político-pedagógico em que se trabalham mentalidades e posturas.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

Como pano de fundo, pautamo-nos analiticamente nas teorias social, agroecológica e pedagógica-libertadora, para envidarmos uma articulação teoria-empiria, tomando como pressuposto que os processos e demandas locais são muitas vezes influenciados pela ligação urbano-global, pois tais processos são sempre políticos. Assim, recorremos à Boaventura Santos (2000) e Moreira (2002), cujas interpretações denunciam que tal ligação reconfigura o espaço do rural e periférico, como espaço social subsumido em novos modelos culturais e societários engendrados pela dinâmica do urbano globalizado, que é sempre "bem sucedido".

Os modelos socioculturais globais estão imprimindo comportamentos, valores, ajustamentos produtivos, etc. que certamente redefinem identidades, estruturas comunitárias que tropeçam em questões mal resolvidas, notadamente questões seculares, marcadas nas relações: rural-urbano, campo-cidade, progresso-desenvolvimento, império-colônia, etc. As experiências nas comunidades como aprendizado sócio-ambiental, nos alertam para centralizar a discussão com os nossos pares, componentes do GEPEADS – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, caminhando no sentido da ressignificação dos conhecimentos científico, tecnológico, produtivo, artístico, humano... e como esses se integram e justificam novas práticas sociais locais, ora incorporadas na tendência do tradicionalismo ora hibridizada pelo tradicional-pós-moderno.

Ao ressignificarmos conceitos e práticas, nós e demais sujeitos e atores social-políticos envolvidos nessa trajetória, vislumbramos um processo de educação ambiental como eixo norteador da socialização que se pretende nos processos de construção e implementação de programas municipais de desenvolvimento local. Essa perspectiva de socialização foi anteriormente trabalhada em um município próximo à UFRRJ, entre os anos de 2001-2003, nos permitindo redimensionar e propor caminhos para lidar com os conhecimentos culturais de indivíduos e grupos sociais partícipes do projeto de desenvolvimento e atores políticos locais e nacionais, do projeto ora em andamento.

De modo a situar a nossa análise sobre a experiência passada e a em curso, o quadro geral da atualidade expressa as percepções sobre o processo de globalização e as visões de interdependência entre espaço local e global, conforme dissemos; os desafios que se apresentam tanto ao mundo rural, quanto a periferias urbanas, incorporam as novas formações identitárias socioculturais e produtivas, portanto, outras configurações de produção e outras formas de construir a territorialidade. Observamos que muitas das análises que vêm sendo realizadas apresentam-se, de forma muitas vezes generalista ou determinista, abordando a técnica e a economia como algozes ou estruturas responsáveis pela forma societária que temos. Estas são promotoras do discurso da imutabilidade, do determinismo ou

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

indeterminismo tão próprios daqueles que alardeiam só as benesses ou só o fatalismo da globalização. Dessa maneira, tais abordagens ignoram a força motriz de homens e mulheres nas relações e em ações sociais. Em relação social, homens e mulheres são capazes de propor e concretizar alternativas ao discurso hegemônico do campo político-cultural.

Contrariando esse entendimento generalista e determinista, delineamos na nossa análise com os nossos parceiros, uma trajetória de pesquisa e educação que prima pelo resgate da tessitura política, cultural, sócio-educacional e ambiental que perpassa à implementação de ações originárias do programa de desenvolvimento local sustentável associado às dimensões nacionais e planetárias. Mormente, tal entendimento é basilar para o delineamento de novas ações, no processo de implementação de um projeto na mesma linha de pesquisa-extensão, no município de Seropédica-RJ, dentro do Programa Redes Interdisciplinares em Espaços Populares – RIEP, amparado metodologicamente pelos pressupostos da pesquisa participativa, marcadamente da pesquisa-ação. Cumpre destacar que o referido Programa é originário de uma reflexão e necessidade de ação do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável (GEPEADS/UFRRJ), criado para dar suporte institucional ao caminho que vimos trilhando na pesquisa e extensão.

A institucionalização do GEPEADS, reunindo professores, estudantes e profissionais de várias instituições, já começa a se fazer perceber no interior da universidade como um local importante para a elaboração teórico-analítica, no que diz respeito à consciência ambiental e permitindo uma visão crítica sobre a educação ambiental, contextualizando-a e problematizando-a na realidade de suas ambiências e práticas de produção, emanadas pelos atores do desenvolvimento local e viabilizando uma gama de outros trabalhos de pesquisa e extensão que alimentam e revitalizam o nosso fazer universitário.

Percepção e práticas: processos e sujeitos que se articulam

O RIEP - Programa Redes Interdisciplinares em Espaços Populares tem apoio financeiro do Programa Nacional de Extensão – PROEXT e como o próprio título confirma, está centrado numa perspectiva interdisciplinar e participativa de percepção e ação em pesquisa e extensão. Torna-se evidente que o nosso pressuposto fundamental pauta-se no processo educativo complexo e participativo, que consiga abranger toda a comunidade e as diferentes fontes de saberes. Se não for assim, o discurso e a busca pela concretização da sociedade sustentável é inviável.

Após os anos 1970, a universidade pública tem sido chamada frequentemente a colaborar com a sociedade civil, mas também com a sociedade política, na elaboração, coordenação e efetivação de projetos em programas de desenvolvimento sustentável. O

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

GEPEADS, como promotor institucional, alavanca não só os recursos financeiros, mas mobiliza os sujeitos para o enfrentamento das atividades meio e fim do Programa RIEP e outrora o Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável no município de Paracambi/RJ. Isto é, visto desse modo, precisamos aproximar as ações acadêmico-institucionais realizadas no GEPEADS daquelas vinculadas aos problemas sócio-ambientais comunitários e escolares; o GEPEADS vem se fortalecendo e, hoje reflete a participação de vários sujeitos e atores que formam a sociedade local e a universidade, unidos na busca de respostas para os problemas da realidade deles, perspectivando sempre projetos includentes. Assim, conduzimos as nossas reuniões de discussão sobre a prática, mediados pelas representações de sociedade, comunidade, educação, ambiente, natureza, indivíduo-sociedade, escola, agricultura e, finalmente cidadania, que os envolvidos trazem como símbolos e conhecimentos construídos ao longo e no cotidiano de suas vidas. O desafio posto configura-se em mobilizar tais representações para o debate crítico-dialético, para que coletivamente possamos ressignificá-las em conhecimentos que atendam a realidade concretamente desejada e objetivada nos processos educativos. Nesse quadro, não nos permitimos ao fatalismo da história, da economia e da política, conforme ressalta Paulo Freire:

> *"O Homem é um corpo consciente. Sua consciência, 'intencionada' ao mundo, é sempre consciência de em permanente desapego até a realidade. Daí que seja próprio do Homem estar em constantes relações com o mundo. Relações em que a subjetividade, que toma corpo na objetividade, constitui, com esta, uma unidade dialética, onde se gera um conhecer solidário com o agir e vice-versa* (...) *É exatamente em suas relações dialéticas com a realidade que iremos discutir a educação como processo de constante libertação do Homem. Educação que, por isto mesmo, não aceitará o Homem isolado do mundo – criando este em sua consciência -, nem tampouco o mundo sem o Homem – incapaz de transforma-lo."* (Paulo Freire, 1982: pp 75/72)

O nosso olhar parte de uma concepção de educação ambiental que problematiza experimentando viver a realidade em seus múltiplos aspectos, de forma que os sujeitos se orientem para relações diversas de conscientização do verdadeiro papel diante da problemática local-global, como partícipes dos processos de idealização e tomada de decisões que levem a cabo outros processos de construção, implementação e avaliação de políticas e projetos direcionados para a coletividade na qual os mesmos fazem parte como indivíduos

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

sociais. Destaque-se que a concepção de educação ambiental tem múltiplos olhares e dimensões diferenciadas. Inúmeros autores têm contribuído para pensar que a educação ambiental como processo formativo é dinamizadora de novas formas de sociabilidade, produção agrícola, convivência, percepção da relação Homem-Natureza-Sociedade.

> *"contribuir na construção da pedagogia da educação ambiental por entendê-la como dimensão da educação, como atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual em caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental* (Tozoni-Reis, 2003: p.172).

Sabemos que os Programas comunitários e/ou escolares guardam no discurso (de modo velado) um arranjo de interesses políticos que ao serem praticados dividem ou individualizam os sujeitos neles envolvidos. Nesse sentido, aprendemos com a experiência passada em Paracambi/RJ, que mesmo utilizando-nos de metodologias participativas, a universidade e o poder público apenas *consentindo* a participação comunitária, isto não garante a inclusão de todos no projeto. Por isso, adotamos como prática e metodologia o Diagnóstico Rural Participativo[3] ao longo de todas as nossas ações com a comunidade. Uma *avaliação mediadora* permite que os sujeitos *participem deliberadamente*, impedindo que a universidade faça o jogo de algumas prefeituras que pretendem transformar as IES em agências de prestação de serviços ou em agências de captação de recursos.

Ao longo do processo incentivamos os nossos parceiros a questionarem, a levantarem indagações, de maneira que formem opinião e assim lutem pelas suas propostas e demandas, acreditando na *dimensão emancipatória* que todos nós carregamos como traço humano quando estamos em relação com o mundo e os outros visando modificar a realidade a nosso favor. Nessa perspectiva, política e cultura se interconectam porque trabalhamos voltados para uma coletividade que demanda projetos e programas de natureza sustentável compatíveis à cultura que reflete elementos da identidade, da diversidade, da pluralidade, dos valores que ao mesmo tempo agitam a vida social e comunitária dos sujeitos envolvidos e os motivam para transformação das práticas cotidianas.

Mais do que ativismo ecológico, a nossa discussão com os nossos parceiros e sujeitos do processo, o que se pretende é caminhar para a assimilação e execução de uma nova postura/mentalidade frente à realidade que se tem e se pretende modificar. E essa mudança se faz na medida em que essa mesma realidade se mostra insustentável e a reflexão sobre sua insustentabilidade leva à postura modificadora. É importante destacar, no entanto, que o

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

conceito de sustentabilidade não é apresentado nas discussões e na prática como definitivo. Tal conceito para se tornar projeto social requer políticas e instituições culturais, sociais *porvir*. Por enquanto, se apresenta como um conceito anunciado, intencionado, mas não colocado como projeto societário, daí a necessidade da educação ambiental trabalhar em nível da mentalidade e postura.

Moreira (1999) apresenta uma análise aprofundada sobre a questão do conceito de sustentabilidade, evidenciando que o mesmo apresenta diversas perspectivas correspondentes às perspectivas das diferentes instituições das esferas, políticas, econômicas, tecnológicas, sociais. Segundo ele, a ação diferenciada destas diferentes perspectivas cria uma *nebulosa ambientalista,* que esconde diferentes interesses e visões de mundo que estão por detrás das correntes político-sociais, o que viabiliza a existência de conceitos também diferenciados, que são parte componente dos embates político-ideológicos e econômico-sociais de apropriação dos conhecimentos e que estão associados aos diferentes conceitos de natureza, de ser humano e de trabalho produtivo. O autor destaca que os movimentos ambientalistas contemporâneo podem estar representados pelos elementos conservadores e progressistas, nacionalistas e globalistas, democráticos e autoritários, integradores e excludentes.

Considerações Finais

Portanto, pretendemos em nosso pôster mostrar a atuação do GEPEADS como grupo de pesquisa e extensão, então acadêmico e institucional, mas como não poderia ser diferente compartilhando de inúmeras identidades sociais na medida em que se identifica com a diversidade cultural do campo social em que atua. Traçar rumos, trajetórias e propor projetos de educação ambiental em apoio aos programas de desenvolvimento local sustentável em comunidades identificadas com o rural e o agrícola requerem a desconstrução de imagens e conhecimentos propalados pela idéia hegemônica de um espaço rural de trabalho e produção estagnado e definitivamente orquestrado pela ausência de propostas de mudanças. Nossa experiência demonstra sujeitos e atores capazes de refletirem sobre a sua condição e de sua comunidade, pessoas que se identificam com a dinâmica do trabalho no campo e por isso mesmo se recusam em adotar espontaneamente ou naturalmente o projeto do outro em que eles não se reconhecem ou não acreditam como sendo deles.

Para a universidade é um desafio trabalhar na contramão das políticas compensatórias ao priorizar metodologias que favorecem a discussão crítica sobre as mesmas, uma veaz que temos buscado reverter a tendência fatalista, generalista e determinista de percepção e prática

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

do que deve ser uma comunidade produtiva e socialmente incluída. Na universidade experimentamos o paradoxo que segundo Madeira:

> *"por um lado, o nosso trabalho deve buscar, orientar-se por um estrito sentido de realidade – identificando as necessidades e lidar com a precariedade de condições para exercer suas funções, tornar-se mais competitiva para reivindicar verbas públicas e buscar parcerias que possam reverter em recursos para a implantação de projetos relevantes à sociedade. Por outro, ter em mira um horizonte com possibilidades ampliadas de utopia, pois o utópico não é o inexistente ou o inexeqüível mas o que ainda não está aí, podendo vir a ser instaurado por sujeitos conscientes de seu papel, pessoas envolvidas com um projeto democrático de Universidade e Sociedade"*(2001: p. 111)

Por último, uma outra consideração importante é tomarmos o trabalho coletivo e a perspectiva interdisciplinar de fazer educação como inerentes ao trabalho de formação, pelo próprio objetivo da educação ambiental ser uma prática social ou um ato político-cultural como quer Paulo Freire. A participação de estudantes de diferentes cursos de graduação e atores políticos e sujeitos nos debates e experiências de Educação Ambiental e desenvolvimento rural sustentável se constitui num acervo cultural muito rico de conhecimentos crítico, portanto, incentivador para apresentação do pôster em tela.

Referências bibliográficas:

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* 6ª edição. Rio de Jnaeiro: Paz e Terra, 1986.

GANDIN, D. *A Prática do Planejamento Participativo.* Petrópolis,RJ: Vozes. 1999.

GONÇALVES, C.W.P. *Os (des)caminhos do meio ambiente.* 7. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LEIS, H. R. *A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea.* Petrópolis: Vozes, 1999.

LEFF, E. (Coord.). *A complexidade ambiental.* São Paulo: Cortez, 2003.

LOPES, A. O. *Repensando a didática, in*: GUIMARÃES, Mauro. *A Dimensão ambiental na educação*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

MACHADO, C (et al*). Educação Ambiental consciente*. Rio de Janeiro: Wak, 2003.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com

MADEIRA, A. *Extensão e Cultura: por uma Universidade sem Muros.* In: Revista Participação. Ano 5, Nº 10. Brasília: UNB, 2001.

MOREIRA, R. J. *Ruralidades e globalizações: Ensaiando uma interpretação.* Rio de Janeiro: CPDA/Série Ruralidades, nº 1, setembro de 2002.

MOREIRA, J.R. & ALENCAR, C. M. M., *Campo e cidade metropolitanos: uma noção inteira para pensar o desenvolvimento humano contemporâneo* Rio de Janeiro: CPDA/Série Ruralidades, nº 6, novembro 2002.

MOREIRA, R.. *Economia política da sustentabilidade: uma perspectiva neomarxista.* In: L.F.C. COSTA, R.J. MOREIRA e R. BRUNO(orgs). *Mundo Rural e tempo presente.* Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SANTOS, B. de S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.* São Paulo: Cortez, 1996.

TOZONI-REIS, M.F.de C. *Natureza, Razão e História:contribuições para uma pedagogia da Educação ambiental.* In: Anais da 26ª Reunião da ANPED, Poços de Caldas/ANPED, 2003.

---

[1] Docente do DTPE/IE/UFRRJ, PhD em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA/UFRRJ, coordenadora do GEPEADS.

[2] Docente do DTPE/IE/UFRRJ, Doutoranda e Mestre em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA/UFRRJ, membro do GEPEADS.

[3]Aprendemos a trabalhar com o Diagnostico Rural Participativo (DRP), sob a orientação da Ong AS-PTA, no período do Projeto de Educação Ambiental desenvolvido em Paracambi/RJ. A idéia central é traçar um planejamento de forma a manter todos os envolvidos efetivamente participando e propondo, construindo pontes entre os laços comunitários e nós das instituições e do poder público municipal. Dessa modo, o DRP pode se estruturar de acordo com o grupo, mas basicamente ocorre em cinco etapas, a saber: entrevistas semi-estruturadas e visitas participativas; análise técnica das informações; análise conjunta, socialização das informações e planejamento/programação participativo; execução das ações planejadas; reflexão e avaliação conjunta para permanente reorientação.

PDF Creator - PDF4Free v2.0 http://www.pdf4free.com